

## DANAÇÕES DA REPÚBLICA: IMAGENS CÔMICAS DO GETULISMO

*Elio Chaves Flores\**

Neste trabalho procuro discutir as imagens cômicas dos segmentos sociais que foram designados como getulistas, queremistas e pelegos por duas categorias de intelectuais: os cronistas e os caricaturistas. Entendo que estes tiveram o seu quinhão na construção paradigmática da “república populista” enquanto “produtores de bens simbólicos”<sup>364</sup>. Neste sentido, considero a problemática inserida no conjunto das práticas e crenças afirmadas na duração entre o Estado Novo e a década de 50, que subjaz nas intersecções discursivas dos atores sociais e políticos. Em princípio, concordo com Norberto Bobbio quando afirma que “...*não há nada mais difícil do que entender a relação entre um certo sistema de crenças e um certo sistema social*”<sup>365</sup>.

Em dezembro de 1937, o caricaturista Yantok desenhou algumas profecias para o ano seguinte: os artistas não pintariam mais o futuro “com cores pretas”; cada operário seria dono de um aranha-céu de “20 andares parado”; pai com filhos seria considerado pensionista do Estado, com casa de graça e isenção de impostos. Esta última é ilustrada pelo homem que está com cigarro à boca, balançando-se na cadeira com os pés sobre a mesa, numa atitude de descanso e serenidade<sup>366</sup>.

Em maio de 1945, um artigo de um fictício “Barcondes Filho” satirizava as palestras do ministro do Trabalho e o movimento queremista. Depois de classificar Getúlio Vargas como “filho espiritual de Péricles, o grego” – talvez numa alusão ao caricaturista Péricles e criador do “Amigo da Onça” – remete à imagem do trabalhador número um do Brasil:

---

\* Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba – Doutorando em História Social na Universidade Federal Fluminense.

<sup>364</sup> GOMES, Angela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.38.

<sup>365</sup> *Os Intelectuais e o Poder: Dúvidas e Opções dos Homens de Cultura na Sociedade Contemporânea*. São Paulo: Unesp, 1997, p.97.

<sup>366</sup> Yantok. *Profecias para 1938, O Malho*. Rio de Janeiro, 16/12/1937.

*...que peixe, que astro, que fruta, que cartório será melhor do que a suprema delícia de ser ouvido por Getúlio Vargas? A minha ladainha semanal destina-se a Getúlio, exclusivamente a ele (...). Quando eu digo 'boa noite trabalhador', dirijo-me ao número um do Brasil: Getúlio Queremos, estivador, ensacador, biscateiro, ganhador, lenhador, investigador."*<sup>367</sup>

Percebe-se que as caricaturas irônicas de 1937, dão visibilidade à representação de interesses – descanso e dignidade do trabalhador, enquanto que a pequena crônica de 1946 “narra” a representação simbólica – o presidente como trabalhador exemplar. Ambas foram produzidas em anos míticos: a fundação do Estado Novo e a deposição do presidente. Pode-se dizer que permeiam a busca da legitimidade do poder instituinte que intervém na construção de um novo sujeito social<sup>368</sup>: o trabalhador brasileiro que, na vigência do Estado Novo, deveria ser getulista.

No ano de 1954, a caricaturista Hilde Weber construiu alguns flagrantes entre o atentado da Rua Toneleros e o suicídio no dia 24 de agosto. Dizia-se que era o começo do fim do getulismo. A visualidade da primeira imagem é o presidente no mar revolto enfrentando enormes dificuldades para conduzir a jangada, cuja vela não passa de um pano rasgado: a direção da República em farrapos. Na cena seguinte, o presidente está sentado à mesa de trabalho, quase encoberto com papéis de processos e inquéritos. Só estão visíveis a testa, os cabelos e a fumaça do charuto. Noutro quadro Getúlio está com traje preto, sem charuto, apontando com o polegar da mão direita para si mesmo. No último quadro, resta um pequeno ponto preto no chão – o charuto queimando – onde sai a nuvem típica de um espírito desencarnado: é o getulista número um desencarnando de sua materialidade.<sup>369</sup>

<sup>367</sup> A Manhã. Órgão de Ataques ... de Riso. Rio de Janeiro, 24/05/1945.

<sup>368</sup> Ver GOMES, Angela de Castro. *O Redescobrimto do Brasil e A Construção do Homem Novo*. In *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, pp.109-166; e, da mesma autora, *A Invenção do Trabalhismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

<sup>369</sup> WEBER, Hilde. *O Brasil em Charge, 1950-1985*. São Paulo: Circo Editorial, 1986, pp.14-17.

Creio que o suicídio do presidente definiu o universo simbólico dos que eram getulistas e dos que se tornaram getulistas. Ao estudar a comoção popular a partir do evento traumático, Jorge Ferreira afirma que a tomada de consciência juntou-se ao “...sentimento de que o mundo parecia estranho e hostil” e a “...tentativa de reordená-lo, porém, significou invertê-lo ou colocá-lo às avessas, e daí o protesto e a violência popular”<sup>370</sup>. Até mesmo um intelectual tido como “reacionário” viu a exemplaridade do gesto quando rememorou o seu dia de trabalho na redação de *Última Hora*: “...pode-se dizer que Vargas acabou de agonizar em nossa primeira página. O gesto suicida me aproximou de Getúlio. Eu me sentia profundamente seu irmão”<sup>371</sup>. A confissão rodrigucana alude à “primeira página”, o cotidiano de uma redação de jornal que depois se estampa nas bancas estrategicamente colocadas no trajeto nervoso dos passantes. Atento para a hipótese que o getulismo – inclusive o suicídio – construiu-se na dimensão da política ordinária que, “...agrada ou não, é a esfera das relações humanas em que se exerce a vontade de potência, ainda que aqueles que a exercem creiam que a sua potência – não a dos outros, claro – tem o bem como finalidade.”<sup>372</sup>

Outro momento instituinte de visibilidade dos getulistas foi, sem dúvida, a atuação dos queremistas<sup>373</sup> no final do Estado Novo. Em maio de 1945 foi publicada a crônica no jornal *A Manhã* – do Barão de Itararé – com o título “Para que mudar?” O texto é uma fina ironia sobre o queremismo e a continuidade governamental. Embora seja longo, transcrevo-o por suas nuances históricas.

... “Há uma coisa que eu sempre digo e repito: o Brasil que o Brasil mais precisa é de continuidade.

<sup>370</sup> FERREIRA, Jorge. *O Carnaval da Tristeza: os Motins Urbanos do 24 de Agosto*. In Angela de Castro-Gomes (Org.) *Vargas e a Crise dos Anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.83.

<sup>371</sup> RODRIGUES, Nelson. *A Menina sem Estrela*. Memórias. 2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p.73.

<sup>372</sup> BOBBIO, Norberto. Op.cit., pp.80, 107-8.

<sup>373</sup> Para o movimento queremista, veja CABRAL, Lúcia B. de Almeida. *O Querenismo na Redemocratização de 1945*. Dissertação de Mestrado. Niterói, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 1984; FERREIRA, Jorge. *Quando os Trabalhadores “Querem”: Política e Cidadania na Transição Democrática de 1945*. In *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. nº 1, Junho de 1998, pp.169-193.

*Continuidade ideológica, continuidade política, continuidade administrativa.*

*Pois é o que eu digo: continuidade. Antes de Vargas não se fez nada por falta de continuidade. (...)*

*Havia a mania das idéias (...) mas faltava uma coisa: continuidade. Faltava tudo. Foi o que Vargas trouxe: continuidade. Acabou com esse negócio de pensar, ter idéias, tudo isso. Estabeleceu apenas a continuidade. E com isto, somente, neste curto prazo de 15 anos, fez tudo: DIP, DASP, CEL, um céu aberto. Se Pedro Álvares Cabral voltasse hoje ao Brasil, ficaria espantado: tanta coisa nova! Tudo obra de Getúlio Vargas. Tudo continuidade.*

O brigadeiro acabaria com o DIP, DASP, a CEL, o TNS, o céu aberto. Acabaria sobretudo com o controle das indústrias, dos tecidos e tiraria esta coisa das minhas mãos: porque o brigadeiro sempre foi contra tudo isto, e, mais, contra o Estado Novo.

O General não. O General [Dutra] sempre foi a favor de tudo isto. Ajudou a construir o Estado Novo. Foi um dos pedreiros mais qualificados da construção. Ocupou os melhores cômodos da casa. Quando ela estava estremeçando e ameaçando ruir, abalada pelo terremoto democrático que anda apossando do mundo, foi quem mais ajudou a escorar-lhe a construção vacilante com a estaca protetora do Estado Nacional. (...). Queremos Dutra.

*Por isto: porque Dutra é igual a Getúlio. Mas se é igual, para que mudar? Queremos Getúlio*" <sup>374</sup>.

A ironia do autor estabelece a clivagem dos que estavam contra o getulismo e dos que não tinham argumentos para estarem

---

<sup>374</sup> Maciel Filho. *Para que mudar?* In *A Manhã*. Órgão de Ataques ... de Riso. Rio de Janeiro, 17/05/1945.

contra. O tropos da ironia que, ao afirmar, nega a tese central dos quereristas, colabora para consolidar uma crença: antes de Getúlio havia somente idéias, “plataformas presidenciais, mensagens ao Congresso, discursos no Congresso”; depois há um fazer, uma visibilidade do poder, a presença autoritária que resiste ao “terremoto democrático”. Isto é visível numa charge de Péricles, em 1945, em que mostra um “comício-monstro”: acima do palanque a palavra democracia em letras garrafais, outras faixas menores dizem “abaixo a ditadura”, “viva a Rússia”, “viva a democracia”. Um pára-quadras está caindo com o cartaz “pau nele”. Atrás da multidão do comício o Amigo da Onça sugere a um assistente recém-chegado: “Grita: queremos Getúlio ...”<sup>375</sup> (ver FIG. 1)

FIGURA 1 - Péricles. “O Amigo da Onça”. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 05/05/1945



<sup>375</sup> Péricles. *O Amigo da Onça*. In *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 05/05/1945.

A interpretação pode ocorrer de duas formas: ou o Amigo da Onça estava disposto a assistir um linchamento de um eventual quememista ou pretendia expressar um desejo oculto e melar a manifestação dos contrários ao quememismo, lembrando uma infiltração malandra, pois, ele mesmo estava ali, sugerindo a quebra da unanimidade. Para Marcos Antonio Silva,

*“...a imagem do herói na contramão, a perspectiva do controle sobre os eventos a partir de uma vontade muito potente e uma elegante e sedutora postura são elementos em comum a considerar entre o personagem e a identidade malandra”*<sup>376</sup>

Se o articulista da crônica queria Getúlio porque Dutra era igual a ele e o brigadeiro Eduardo Gomes encarnava a posição contra a continuidade, o Amigo da Onça sugeria o quememismo na zona sombria entre o prazer e o poder. A charge de Péricles, enquanto criação estética, tende a representar uma fuga das raízes míticas que se formavam no quememismo, uma espécie de monumentalidade dos getulistas por opção. A sugestão “quase mórbida” do Amigo da Onça é indicativa da presunção autonomista do intelectual. E a invocação quememista é indício de um “símbolo intencional”, uma vez que *“...o estético não nega o inconsciente: transfigura-o”*<sup>377</sup>

Acredito que em 1945 já havia uma crença política que inventava uma tradição: os getulistas. Quem eram os getulistas que no fim do Estado Novo assumiram o slogan do “Queremos Getúlio”? Antes de dar voz e rosto aos testemunhos, é preciso atentar para o fato que

*“...o reconhecimento político e a valorização simbólica que os trabalhadores dedicavam a Getúlio Vargas, bem como a permanência de seus feitos e realizações na memória popular por tanto tempo, não podem ser apenas reduzidos a uma eficiente máquina de fabricar mitos”*<sup>378</sup>

<sup>376</sup> SILVA, Marcos Antonio. **Prazer e Poder do Amigo da Onça**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.42.

<sup>377</sup> Ver AUGRAS, Monique. **A Dimensão Simbólica**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998, pp.18 e sgs.

<sup>378</sup> FERREIRA, Jorge. **Trabalhadores do Brasil**. O Imaginário Popular. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, p.16

Torna-se, pois, necessário considerar as resistências e estratégias dos trabalhadores em relação à política e ao poder.

Para o jornal *A Democracia* havia o “queremos” velado dos comunistas, desconfiados da democracia do brigadeiro e do general; o queremos da estrutura de poder que achava melhor a “continuidade” do que qualquer renovação dos quadros governamentais e, por fim, o argumento entre o cômico e o lírico, isto é, o “...queremos do povo que gosta mesmo do Sr. Getúlio Vargas, dentro daquela quadra popular do cantor de serenata, que harpejava o violão e o peito assim: ‘Gosto de ti porque gosto, porque meu gosto é gostar’”.<sup>379</sup> O “queremos” mais dramático parece ser a estratégia dos comunistas que visava o amálgama à “...massa getulista a fim de esclarecê-la pacientemente, livrando-a de suas ilusões”, pensava o líder do Partido Comunista na década de 40, Luís Carlos Prestes. O “queremos” dos que saíram das prisões do Estado Novo era, para a crença comunista, o gesto supremo de exemplaridade política.<sup>380</sup> O Barão de Itararé que, em meados de agosto de 1945, fazia quadrinhas satíricas contra Vargas do tipo “Passa o morcego que suga / Passa a serpente que pica / O cágado, a tartaruga / Tudo passa ... e o Vargas fica”; não se sentiu coagido a “querer” o mesmo que a “massa getulista”, e testemunhou através de um jocoso trocadilho: “...não é triste mudar de idéias; triste é não ter idéias para mudar”.<sup>381</sup>

O “queremos” palaciano surgiu num jornal paulista, na charge de Manolo, o presidente aparece de costas, arrumando-se para sair do quarto, e enceta uma conversa com sua imagem frontal refletida no espelho: “... – Porque será que me querem!...”<sup>382</sup> Como a frase mais exclama do que indaga, a sua ironia é refletida na própria alegria do escolhido, algo como se quisesse afirmar “eles sabem o que querem”. Assim, a tese que focaliza a continuidade como projeto de Getúlio Vargas deveria considerar que não há motivação individual pura, “sem referência ao outro e ao social”. Creio que a sensibilidade do caricaturista conseguiu deduzir as razões de conduta do indivíduo no poder, pois busca interpretar suas ações mais íntimas e especula sobre

<sup>379</sup> Jornal *A Democracia*. Rio de Janeiro, 24/08/1945. Transcrito em Angela de Castro Gomes. *A Invenção do Trabalhismo*. Op.cit., p.271.

<sup>380</sup> Ver PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: Memória e História do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fundação Roberto Marinho, 1995, pp.136-152.

<sup>381</sup> FIGUEIREDO, Cláudio. *As Duas Vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1989, pp.151-53.

<sup>382</sup> Manolo. *Política Risonha. O Governador*. São Paulo, 13/09/1945.

suas motivações interativas<sup>383</sup>. Pelo menos diante do espelho, o poder não escapa de ser sincero consigo mesmo.

Angela de Castro Gomes ressalta que o acontecimento de retorno do primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira, em meados de julho de 1945, "...assinalou simbolicamente a eclosão do movimento *queremista*". O fato é mesmo patético e foi omitido tanto pelos cronistas como pelos caricaturistas. Era de se esperar que o retorno da FEB consagraria a luta contra o autoritarismo do Estado Novo e um presidente que estava no cargo há quinze anos. Imaginava-se que o desfile das tropas seria a apoteose dos que estavam contra aquele estado de coisas, especialmente os udenistas e brigadeiristas. A imprensa liberal ficou estonteada, houve uma inversão das expectativas: a população aclamava as tropas e quando Getúlio surgiu em carro aberto no encerramento do ato, o público vibrou mais ainda, como se o presidente estivesse retornando de batalhas triunfais. Na verdade, a inversão era relativa e o patético desmontava a racionalidade dos antigetulistas. A população em geral não achava incompatível a FEB em Monte Castelo e os artefatos trabalhistas incorporados ao discurso do Estado desde a década de 30. O episódio foi simbólico pela simbiose e, segundo Angela de Castro Gomes, "...o sinal verde estava dado. Não havia o que temer por parte do grande público, e a necessária proteção oficial estava igualmente garantida. O trabalhismo, mais velho, podia encaixar-se no *queremismo* e sair às ruas". Para a autora o "...movimento era assimétrico: caía o Estado Novo, mas crescia o prestígio de Vargas"<sup>384</sup>.

A imprensa antigetulista fustigava a participação popular no movimento *queremista*. A caricatura de Darcy, publicada num jornal do Rio de Janeiro, é sintomática da associação entre pobreza e *queremismo*: um cadáver sai às ruas com as vestes da "miséria" e, assustadoramente, desfila portando o cartaz "Queremos Getúlio" (ver FIG. 2). Desta forma, o prestígio de Vargas entre os "miseráveis" era ironizado como uma "irracionalidade" do povo, daqueles que deveriam exigir a sua queda. Para a imprensa refratária ao Estado

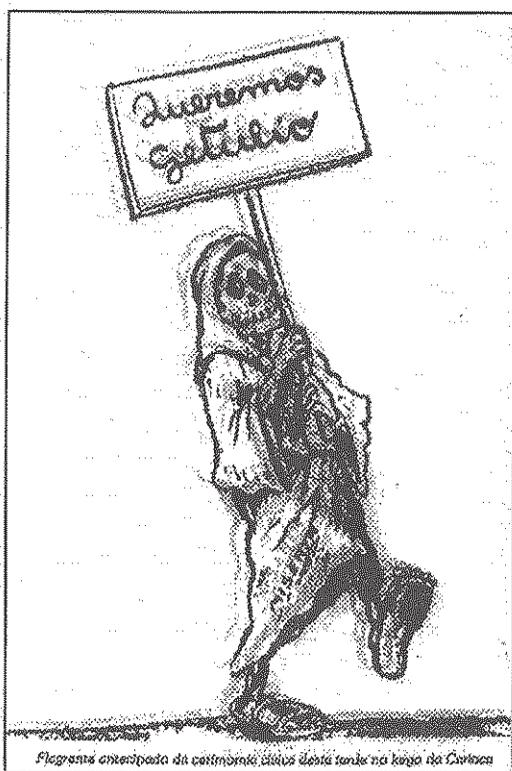
---

<sup>383</sup> Neste caso considero a noção de projeto, construída por Gilberto Velho: "os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas". Ver VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*; Notas para Uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, pp.26-27.

<sup>384</sup> GOMES, Angela de Castro. Op.cit., pp.268-69.

Novo, a ação dos queremistas em favor de Vargas parecia ser a face menos perfeita do janicéfalo, o monstro fetal que tem uma cabeça e duas faces. A crítica do caricaturista pode ser demonstrativa de que a assimetria atingia a todos.

FIGURA 2 – Darcy. “O grande comício ...” *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 20/08/1945



Parece-me que o campo da luta política inverteu a assimetria na duração seguinte: caiu o presidente e persistiu o autoritarismo com a cassação dos comunistas e repressão aos trabalhadores e movimentos grevistas. Na capa de um periódico humorista de São Paulo, o caricaturista Balduino assinaria charge que satirizava as continuidades nas discontinuidades: Getúlio como anjo Lúcifer (asas

e chifres) chega para colocar no presidente Dutra a coroa da Lei de Segurança Nacional. Atrás de Dutra um cidadão atônito, amordaçado, portando um cartaz pendurado no pescoço com os dizeres “*rolha, mordaza & cia: nós*”. Abaixo da imagem o dístico “*Acabou-se a Ditadura e começou a Dutradura*”<sup>385</sup>. Por outro lado, o quererismo, depois da queda do presidente, assumia discretamente a crítica contra a falta de produtos básicos, sempre lembrando um gênero de primeira necessidade ausente no mercado: “*nós queremos açúcar branco*”<sup>386</sup>.

Outra assimetria recorrente é a crítica intelectual ao humor fácil, como chanchada diante da “seriedade” da democracia. Encontrei uma crônica do jornalista Daniel Caetano que mistura entrevista com pessoas ligadas ao teatro, e que faz analogia com a política. O jornalista postula o fim do riso fácil, a chanchada e o advento da seriedade na representação, a democracia análoga ao teatro como arte. A narrativa alude aos quereristas e satiriza a partir de um código de inversões:

*“No teatro como na política, fazem-se inimigos aos montes. É famosa a ‘cativante pessoa do ex-ditador’. Ninguém resiste ao homem! – exclamava certo deputado quererista, perdido de amores pela ‘mãe dos pobres’, depois de prestado o ‘juramento’. Entre a nossa gente de teatro há também pessoas assim ‘amáveis’, sorriso à flor da boca, muito simpáticos, mesmo. O gaúcho matreiro era tudo isso, mas queria puxar o Brasil pela amarra do chocalho. (...) Antes, havia lugar para a ditadura – a ‘chanchada’, hoje, só há lugar para a democracia – o teatro como arte”*<sup>387</sup>.

<sup>385</sup> A Marmita. São Paulo, 08/08/1947.

<sup>386</sup> Jornal O Governador. São Paulo, 15/11/1945.

<sup>387</sup> CAETANO, Daniel. *Ainda Está Muito Encardido*. In *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 07/06/1946. É sintomático que o jornalista realize 42 entrevistas, em forma de crônica, entre críticos, homens da cultura e empresários, e o debate que sobressai é a “continuidade” da representação para rir, tida por “ingênuo” e “achanchado” e a representação que se diz nova, séria, trágica e universal. Esta última era representada pela obra inicial de Nelson Rodrigues, que teve a sua peça *Vestido de Noiva*, apresentada em 1943, com subsídios oficiais do Estado Novo. Ver excelente discussão em PEREIRA, Victor Hugo Adler. *A Musa Carrancuda. Teatro e Poder no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. Todas as entrevistas de Daniel Caetano constam em anexo, pp.113-219.

Está presente no discurso a inversão, o juramento que supõe fidelidade ou “traição” e a chanchada: ao invés de pai é a “mãe dos pobres”, a proteção irresistível; o juramento é o dar e receber do pacto político; e a chanchada é o visível, o tombo, a rasteira, que faz rir quem é platéia e irrita o protagonista.

O novo fôlego que as elites liberais adquiriram na década de 40 dava visibilidade às suas crenças culturais. A crença dos udenistas, por exemplo, sugeria que, como membros de uma elite culta seriam portadores de um projeto cultural “civilizatório”, que deveria “ser difundido para o restante da população, ignorando as possibilidades dessa grande massa marginalizada de elaborar seus próprios projetos”<sup>388</sup>. Assim, os getulistas, trabalhistas, operários e sindicalistas são vistos pelos editoriais da revista *Careta* como “arraia miúda” que se diverte com “grossa pandega” e das “migalhas atiradas do pantagruélico banquete” – a campanha getulista em 1950. A feroz crítica ao contexto do risível, através da metáfora da comédia política, porque seus atores seriam os setores populares, torna-se mais explícita na conclusão do “Comentário da Semana”, tradicional página sobre política da revista:

*“Guarda-se provavelmente para o fim, como desfecho de sensação, a tentativa de reabilitação do caudilho, mais velho, mais gordo e mais matreiro, a qual é anunciada pelo sussurro das massas, mais uma vez ludibriadas e tangidas pelo estado-maior de genros, cunhados, compadres, amigos, copa e cozinha”*.<sup>389</sup>

Trata-se portanto, de um conflito político-ideológico em que a estratégia liberal optou pela acusação e o estigma que, dependendo das disputas partidárias, eram apropriados por setores das classes médias e de operários antigetulistas.

Parto da hipótese que, no mundo do trabalho, a chanchada se traduziu na “invenção” dos pelegos, sindicatos e lideranças, vistas pela “sociologia do populismo” como criaturas manipuladas e desviadas da trajetória de redenção da classe operária desde, pelo menos, o autoritarismo do Estado Novo. Os pelegos seriam os

<sup>388</sup> PEREIRA, Victor Hugo Adler. Op cit., p.52.

<sup>389</sup> *Careta*, Rio e Janeiro, 16/06/1950, pp.04, 10.

aliciadores do “...*fantasma popular que será manipulado por Vargas durante quase dois decênios*”.<sup>390</sup> A designação de pelego é atribuída, principalmente, aos dirigentes das organizações sindicais de grau superior (federações e confederações) que têm contato direto com o Ministério do Trabalho e integram órgãos colegiados, inclusive juntas de conciliação e julgamento. Mas haveria também pelegos nos pequenos sindicatos, chamados de “sindicatos de carimbo”, em que o presidente carregava no bolso o carimbo da entidade, para aderir a qualquer circunstância política e assinar algum documento oficial.<sup>391</sup> A partir desta tipologia seria interessante perguntar quem é o agente da manipulação: o portador do carimbo, a federação, a confederação ou os órgãos oficiais? Como se vê, as “regiões morais” são por demais tênues para que se possa separar o joio do trigo, esquecendo-se do solo e dos semeadores. Parece-me que a liderança sindical é portadora de uma auto-percepção de “individualidade singular”<sup>392</sup> que poderia ser explicada como a exposição do ator às experiências diversificadas, com trânsito por *ethos* e visões do mundo contrastantes, permeadas por relações cotidianas densas e redes de interesses impactantes.

Inobstante, as acusações de peleguismo partem das próprias bocas operárias. João Lopes, militante comunista desde os anos 30, faz preciosas considerações. Indagado por pesquisadores se havia algum tipo de luta nos sindicatos contra a orientação do Ministério do Trabalho, José Lopes responde afirmativamente: “... *Tinha, nas assembléias. Se combatia cara-a-cara: 'quero dizer que você é um pelego, é isso, aquilo'. Era assim*”. Perguntado se havia muitos pelegos na época inicial do Estado Novo, a memória de “velho militante” foi objetiva: “... *Ah, minha filha, tinha muitos. Todos os que desejavam ganhar melhor, ficar na boa vida, passavam para pelego*”. Como então ele definiria um pelego foi a sugestão imediata: “... *Pelego é o camarada que está servindo, mas no interesse próprio. Ele vai lá para o sindicato e arranja um bom emprego para servir à orientação do Ministério do Trabalho*”. Preso em Fernando de Noronha, João Lopes soube que os comunistas iriam mudar de estratégia e apoiar

---

<sup>390</sup> WEFFORT, Francisco. *O Populismo na Política Brasileira*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p.70.

<sup>391</sup> BELOCH, Israel & ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; FGV/CPDOC, 1984, p.2664.

<sup>392</sup> VELHO, Gilberto. *Op.cit.*, pp.29-33.

Getúlio em 1945. No entanto, ele se recusou a seguir a orientação do partido: não quis ser quemista. Acabou votando em Getúlio, nas eleições de 1950, “por orientação dos camaradas”.<sup>393</sup> Por outro lado, o depoimento de José Vecchio que foi trabalhador, sindicalista e líder partidário, é representativo de crenças e valores do trabalhismo. Trata-se de experiência que desmancha no ar a “teoria do desvio e da manipulação”. José Vecchio é taxativo:

— *Eu sou getulista, mesmo. Nem precisava perguntar. Eu sou getulista e nojento mesmo! Mas tem uma coisa: não devo favor pessoal nenhum a ele, nada! Nem a ninguém. Esse orgulho eu tenho! (...). A minha lealdade a Getúlio foi em reconhecimento pelo muito que ele fez em defesa dos trabalhadores brasileiros. Foi só isso, nada mais! Nada mais!*<sup>394</sup>

Getulista desde a década de 30, este velho militante não teve dúvida em 1945: quis ser quemista.

Maria Victoria Benevides encontrou dados reveladores de um “peleguismo insidioso” nas relações sindicais e o Partido Trabalhista Brasileiro, em São Paulo, entre 1945 e 1964. Segundo ela, aqueles que militavam nos partidos políticos e também nos sindicatos estariam no limiar da traição e prontos para a manipulação. Um de seus informantes, o político Roberto Gusmão chega a afirmar, com um certo humor cruelíssimo que, em São Paulo, “*todo mundo tinha seu comunista de estimação*”.<sup>395</sup> Para a autora, a aliança atribulada e recorrente entre trabalhistas e comunistas e os “desvios e vícios” dos dirigentes “*retardaram o aparecimento de um partido efetivamente de trabalhadores*”. Ainda mais, que “*o peleguismo foi a força subterrânea do fraco PTB paulista*”.<sup>396</sup> A partir de tais observações,

<sup>393</sup> LOPES, João. *Militância e Malandragem*. In Angela de Castro Gomes (Coord.) *Velhos Militantes – Depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p.114. Há um não gostar de Getúlio por razões de luta e o voto que ele deu a Getúlio em 1950, por razões de disciplina: “Nunca fui getulista, sabe? Não gostava dele. Fui preso, espancado, o diabo a quatro; como é que eu podia gostar desse homem? Obedecia a uma disciplina, mas sempre fui contra ele”. Op cit., p.177.

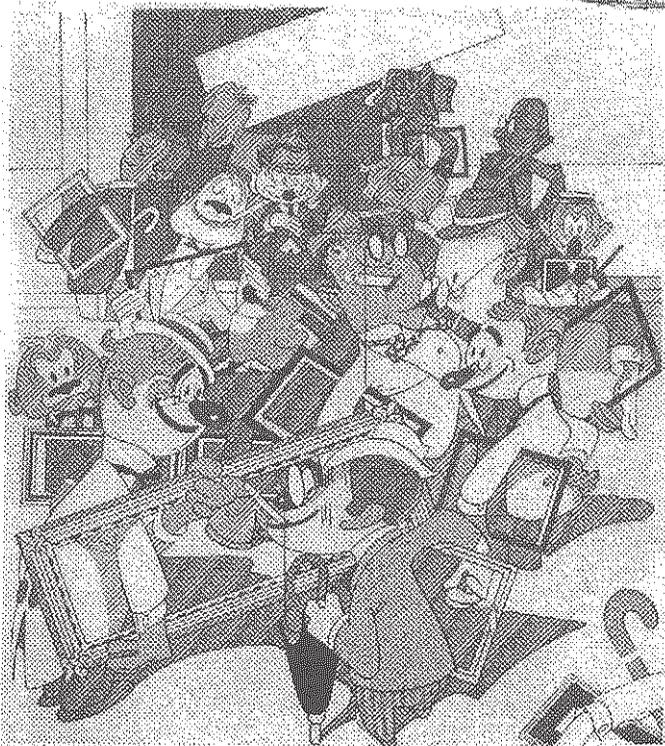
<sup>394</sup> VECCHIO, José. *José Vecchio (depoimento, 1983)*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC – História Oral, p.83.

<sup>395</sup> BENEVIDES, Maria Victoria. *O PTB e o Trabalhismo: Partido e Sindicato em São Paulo (1945-1964)*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.106.

<sup>396</sup> Op. cit., p.154. Para uma excelente discussão sobre “populismo” e “manipulação”, ver GOMES, Angela de Castro. *O Populismo e as Ciências Sociais no Brasil: Notas Sobre a*

impõe-se uma pergunta bastante lógica: por que não apareceram um partido efetivamente de empresários e um partido efetivamente de intelectuais, e assim por diante até quantos coubessem na teoria da luta de classes?

FIGURA 3 – J. Carlos. “Sindicado de Puxa-sacos.” *Careta*, Rio de Janeiro, 10/06/1950



Talvez a conotação “pelego” seja a simbologia política dos conflitos e relações sociais no mundo do trabalho, nada unívoco como tenta seduzir o teoria da revolução. Por outro lado, considero a

---

*Trajatória de um Conceito*. In *Tempo*. UFF, Departamento de História. Vol. I, n° 2, Dez.1966, pp.31-58.

hipótese fortemente indiciária de o “pelego” ser uma acusação construída por políticos e intelectuais de matiz conservadora que consideravam heresia o trabalhador imiscuir-se na “alta política”. O próprio caricaturista J. Carlos parece não ter ficado imune às crenças exclusivistas. Na charge que denominou “Sindicato de Puxa-Sacos”, vários indivíduos cruzam a rua com quadros debaixo dos braços. Um deles chama a atenção dos outros pelo tamanho da moldura que carregava, o que lhe valeu a indagação de outro se ele já tinha seu candidato. Respondendo de forma negativa, o portador da grande moldura concluiu dizendo que era “*para um retrato em corpo inteiro*”<sup>397</sup>. (ver FIG 3). Sem dúvida, uma alusão ao tamanho de Vargas.

*Sindicato de “Puxa sacos”*

–Ora viva! Já tem seu candidato?

–Ainda não. Por que pergunta?

–Estranhei o tamanho da moldura.

–E’ para um retrato em corpo inteiro.

Note-se que sindicato como trincheira de lutas de trabalhadores organizados é desqualificado como lugar de retratos escusos e interesses servis. Neste sentido, a aproximação simbólica de sindicalistas e sindicatos à “baixa política”, efetuada por um intelectual do traço, não é estampada por mero acaso numa revista que fazia propaganda para candidatos udenistas. Ocorre que, nas radicalizações discursivas, os atores e órgãos que atuam na mediação dos interesses de classes ganham, frequentemente, a representação dramática que Raymond Williams<sup>398</sup> chamou de “veículos de lenitivo cômico”.

Em edição de abril de 1942, um jornal humorístico parece refletir com mais leveza acusações do tipo “puxa-saco”, “caxias” e “pelego”. A cena é hipotética, mas nem por isso inverossímil. O empregado chega contrariado à mesa do empregador e enceta o diálogo: “– *Patrão, quero um aumento de ordenado, ganho pouco e trabalho por três*”. A resposta é dura e capciosa: “– *Pois bem. Diga-me quem são os outros dois porque vou despedi-los imediatamente*”<sup>399</sup>. Ao adotar a tática de enfrentar o “capitalista” sozinho no intuito de melhorar seu salário, o reclamante não titubeou

<sup>397</sup> Careta. Rio de Janeiro, 10/06/1950, (capa).

<sup>398</sup> WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.164.

<sup>399</sup> *Ria se puder ...* In *O Malho*. Rio de Janeiro: Abril, 1942.

em afirmar-se mais “operário” que os outros e, por isso, o mais injustiçado.

Portanto, as trajetórias se dão na própria luta política que se refaz em termos de resistência e circularidade cultural. As fontes de humor político levam-me a concordar com Raquel Soihet<sup>400</sup> que propõe, além da circularidade cultural, sugerida por Ginzburg, que “...se move de cima para baixo e de baixo para cima”, para se compreender atitudes derivativas como getulistas e queremistas, ou mesmo acusatórias como “pelegos”, o conceito de circularidade horizontal, aquela que “...entrelaça elementos de grupos analogamente situados na estrutura social”. Creio, pois, que tais circularidades são permeadas pelo humor, que, segundo Monique Augras<sup>401</sup>, além de permitir

*“...dizer, quase sem sentir, coisas contraditórias, é ao mesmo tempo veículo de estigmas sociais, de crítica consciente, e também dos mais profundos paradoxos da sociedade brasileira.”*

## FONTES

### Jornais e Revistas

- A DEMOCRACIA. Rio de Janeiro, 24 ago. 1945.  
A MANHA. Órgão de ataques ... de riso. Rio de Janeiro, 24 maio 1945.  
A MARMITA. São Paulo, 08 ago. 1947.  
CARETA. Rio de Janeiro, 10 jun. 1950.  
DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: 07 jun. 1946.  
O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, 05 maio 1945.  
O GOVERNADOR. São Paulo, 13 set. 1945; 15 nov. 1945.  
O MALHO. Rio de Janeiro, 16 dez. 1937; 17 maio 1945.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGRAS, Monique. *O Brasil do Samba-Enredo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.  
\_\_\_\_\_. *A Dimensão Simbólica*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>400</sup> SOIHET, Raquel. *A Subversão pelo Riso*. Ensaio Sobre o Carnaval Carioca da Belle Époque ao Tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 178.

<sup>401</sup> AUGRAS, Monique. *O Brasil do Samba-Enredo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.220.

- BELOCH, Israel & ABREU, Alzira Alves de. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. 1930-1983. Rio de Janeiro: Forense Universitária; FGV/CPDOC, 1984.
- BENEVIDES, Maria Victoria. **O PTB e o Trabalhismo**. Partido e Sindicato em São Paulo; 1945-1964. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BOBBIO, Norberto. **Os Intelectuais e o Poder**. Dúvidas e Opções dos Homens de Cultura na Sociedade Contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997.
- CABRAL, Elza B. de Almeida. **O Queremismo na Redemocratização de 1945**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1984. (Dissertação, Mestrado em História do Brasil).
- FERREIRA, Jorge. *Quando os Trabalhadores "Querem". Política e Cidadania na Transição Democrática de 1945.* In **História Oral**. Revista da Associação Brasileira de História Oral. n. 1, p.169-193, jun. 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Carnaval da Tristeza*. Os Motins Urbanos do 24 de Agosto. In Angela de Castro Gomes (Org.). **Vargas e a Crise dos Anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Trabalhadores do Brasil**. O Imaginário Popular. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- FIGUEIREDO, Cláudio. **As Duas Vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- GOMES, Angela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A Invenção do Trabalhismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O Populismo e as Ciências Sociais no Brasil*. Notas Sobre a Trajetória de um Conceito". In **Tempo**. Rio de Janeiro: UFF; Departamento de História. v. 1, n. 2, p.31-58 dez.1966.
- \_\_\_\_\_. et al. **Estado Novo**. Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- LOPES, João. *Militância e Malandragem*. In Angela de Castro Gomes (Coord.) **Velhos Militantes**. Depoimentos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e Companheiros**. Memória e História do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fundação Roberto Marinho, 1995.
- PEREIRA, Victor Hugo Adler. **A Musa Carrancuda**. Teatro e Poder no Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RODRIGUES, Nelson. **A Menina sem Estrela**. Memórias. 2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SILVA, Marcos Antonio. **Prazer e Poder do Amigo da Onça**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

- SOIHET, Raquel. **A Subversão pelo Riso**. Ensaios Sobre o Carnaval Carioca da Belle Epoque ao Tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- VECCHIO, José. **José Vecchio** (depoimento, 1983). Rio de Janeiro: FGV/CPDOC – História Oral.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Notas para Uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- WEBER, Hilde. **O Brasil em Charge**. 1950-1985. São Paulo: Circo Editorial, 1986.
- WEFFORT, Francisco. **O Populismo na Política Brasileira**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.